



Recebido em 2/6/2019  
Aprovado em 11/6/2019



## DE TEMMERMAN, Koen & DEMOEN, Kristoffel (ed.). “Writing Biography in Greece and Rome: Narrative Technique and Fictionalization”.

Cambridge: Cambridge University Press, 2016, 354 p., ISBN 9781107129122.

Book Review

Camila de Moura Silva<sup>1</sup>

e-mail: [camilam02@gmail.com](mailto:camilam02@gmail.com)

orcid: <http://orcid.org/0000-0002-9933-2608>

DOI: <https://doi.org/10.25187/codex.v7i1.25890>

Pouco a pouco, o estudo das narrativas biográficas produzidas na antiguidade grega e romana vem cobrando lugar de destaque no panorama dos estudos clássicos. No Brasil, com a publicação do volume *Vidas de Esopo* pela editora Humanitas, organizado por Adriane da Silva Duarte, e de traduções como a de Christian Werner para a *Vida Herodoteana de Homero*, apenas para citar alguns exemplos, esse campo de estudos tem encontrado interesse crescente. Nesse sentido, o volume *Writing Biography in Greece and Rome*, organizado pelos professores Koen De Temmerman e Kristoffel Demoen, da Universidade de Ghent, e publicado em 2016 pela Cambridge University Press, surge como um excelente recurso para os estudiosos que queiram levar a cabo uma análise textual dessas narrativas um tanto obscurecidas pela prática filológica novecentista. Desvinculando-se de certa tradição teórica precedente, cujo foco incidia a autenticidade e autoria dessas *Vidas* – tratadas então simplesmente como um subgênero da historiografia<sup>2</sup> –, os artigos reunidos neste volume, conforme explicitado com grande ênfase no prefácio, optam sobretudo por um *tratamento narratológico* das *Vidas* (referidas mais ou menos livremente ao longo do livro como *Bíoi*, *Vitae*, biografias, biografias antigas ou narrativas biográficas), encarando-as como “reelaborações criativas de tradições precedentes”<sup>3</sup> (ao que o trabalho do biógrafo é por vezes comparado à tessitura mítica do tragediógrafo) e enfatizando, portanto, o exercício *ficcional* que delas se depreende.

<sup>1</sup> Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil, sob a orientação do Prof. Dr. Henrique Cairus e coorientação da Profa. Dra. Beatriz de Paoli.

<sup>2</sup> Uma exceção, segundo De Temmerman, são as *Vidas* de Plutarco, que receberam maior atenção do ponto de vista literário/narratológico.

<sup>3</sup> No original, em inglês: “creative reworkings of earlier traditions”.

No artigo de abertura, intitulado *Ancient biography and formalities of fiction*, que serve como bússola teórica para o restante do conjunto, De Temmerman delimita fronteiras conceituais muito úteis para o estudo das *Vidas*, principalmente na distinção que opera entre os termos “ficção” (registro cujo efeito repousa num pacto *contratual* de não veracidade entre emissor e receptor) e “ficcionalidade” (elementos narrativos que se contrapõe a uma verdade factual ou histórica). O autor parte da assumpção bem estabelecida de que as narrativas biográficas estão permeadas por “elementos ficcionais” – uma narrativa que opera com reconstrução de ações, dramatização de momentos privados, conjectura etc., não pode prescindir desses elementos – para propugnar uma análise literária desses textos, que passa pela identificação das *técnicas de ficcionalização* empregadas na sua composição, dentre as quais: o discurso indireto (como estratégico para o retrato psicológico); a “reconstrução criativa” (com a projeção sobre a infância de comportamentos e valores identificados na vida adulta); a caracterização metafórica; a intertextualidade; e a utilização de modelos literários. Segundo De Temmerman, contudo, é preciso ultrapassar as dicotomias que opõem ficcionalidade e factualidade para que a verdadeira complexidade das biografias antigas salte aos olhos, já que seus autores, ao que tudo indica, conheciam muito bem o terreno instável sobre o qual conduziam a sua produção: “(...) as biografias antigas não se destinavam a serem lidas como depositários hermeticamente fechados de uma verdade ‘histórica’, e uma simples dicotomia entre fato e ficcionalidade não é capaz de abarcar corretamente as complexidades da literatura narrativa.”<sup>4</sup> Ainda que o autor afirme que sua abordagem não é inovadora (em diversos momentos, afirma sua filiação teórica a pesquisadores como Tomas Hägg e Barbara Graziosi), ela faz frente a uma linha de trabalho que até pouco tempo contemplava esses textos como fontes de especulação, e que dirigia críticas severas ao método de trabalho dos biógrafos antigos, vistos na melhor das hipóteses como “maus historiadores” (cf. Janet Fairweather, Mary Lefkowitz, Timothy Barnes e outros).

O livro consta de dezesseis artigos divididos em quatro partes: a primeira, dedicada a artigos teóricos; a segunda, às biografias individuais; a terceira, às biografias coletivas; e a quarta, aos *modos de discurso* biográficos, que perpassam textos de diversos gêneros. De Temmerman apresenta os artigos do livro como “estudos de caso” (*case studies*), atravessados pelo mesmo alinhavo teórico. A maioria dos artigos se debruça sobre a produção em latim e grego do Período Imperial (o *floruit* na produção e circulação de *Vidas*), mas o que temos em linhas gerais é um panorama bastante amplo, que perpassa biografias políticas, literárias, cívicas e subversivas, percorrendo os primórdios da hagiografia cristã, as narrativas populares e a novela antiga, as *Vidas* éticas de Plutarco, a biografia epistolográfica etc. Importante notar que a autobiografia é deixada de fora do escopo do livro, por ser entendida como um fenômeno à parte<sup>5</sup>.

<sup>4</sup> No original, em inglês: “(...) *ancient biographies were not meant to be read as hermetically sealed depositories of a ‘historical’ truth and no simple dichotomy between fact and fictiveness can adequately grasp the complexities of narrative literature.*”

<sup>5</sup> cf. Cohn (1999).

O artigo seguinte, intitulado *Civic and subversive biography in antiquity*, de autoria de David Konstan e Robyn Walsh, propõe uma interessante e produtiva categorização para as *Vitae* e *Bíoi*. Ao destacar a enorme variedade de tipos textuais abarcada por esses termos, bem como as dificuldades de classificação inerentes a um gênero tão abrangente (temática e temporalmente), os autores elaboram uma proposta de grande amplitude. Surgem assim duas variantes maiores: a biografia *cívica*, em que o biografado encarna os valores sociais dominantes, estabelecendo-se como um modelo a ser seguido por governantes e militares (ou a ser evitado, no caso dos *exempla negativa*); e a biografia *subversiva*, em que os biografados são figuras marginais que desestabilizam a balança das virtudes, muitas vezes caracterizados como inimigos do poder, dependentes antes de sua habilidade com as palavras para alcançarem essa alta dignidade moral. Os autores identificam como precursores dessas tradições dois textos de Xenofonte: o *Agesilau*, acerca dos feitos do rei espartano, e a *Memorabilia*, acerca da filosofia viva de Sócrates, dois textos amplamente citados quando se trata da gestação da biografia grega no século IV A.C. Para além desse crivo conteudístico, os autores levantam semelhanças formais que justificam a sua proposta. A organização cronológica partindo do nascimento e da infância até a morte, por exemplo, favorece as biografias do tipo *cívico*, marcadas por batalhas e acontecimentos, enquanto as biografias *subversivas* operam normalmente como “textos abertos”, compilados de anedotas e diálogos mais ou menos permutáveis e sem ordem fixa, como é o caso de muitas *Vidas* de filósofos. Por fim, os autores tratam de um caso tardio: as *Vidas* cristãs, buscando expor a transvaloração realizada por essa tradição – se, por um lado, as narrativas sobre a vida de Jesus e de seus apóstolos seguem em grandes linhas o esquema subversivo-socrático, após a cristianização do império, valores antes marginais tornam-se oficiais, e as *Vidas* de mártires a partir do quarto século acabam por amalgamar as duas vertentes.

O artigo que inaugura a segunda seção do livro (cujo foco incide sobre as biografias individuais) parte da teoria de Bourdieu e Hansen sobre os aspectos estéticos da *literatura popular* (ou folclórica) para investigar em que medida é possível tratar nesses termos o texto conhecido como *Vida de Esopo*, ou *Romance de Esopo*. A subordinação da forma à função, a adesão do leitor, os personagens construídos visando à identificação, o efeito localizado historicamente, a facilidade de leitura, a simplicidade da trama narrativa, a estrutura episódica e o uso de anedotas e fábulas, são todas características presentes no *Romance de Esopo*. Em seguida, opera-se uma análise do *Romance* segundo eixos formais, comentando, entre outros tópicos, a dívida do gênero das *Vidas* para com o vocabulário da Comédia Antiga, a estrutura episódica do texto e sua construção no nível da sintaxe, a ausência de referenciais contextuais e suas implicações, a crítica social e moral veiculada pelo *Romance* e as divergências entre as suas recensões, característica dos textos abertos.

Eran Almagor, em seu artigo sobre a *Vida de Artaxerxes*, de Plutarco, subverte a clássica distinção aristotélica entre poesia e história afirmando que o estudo da realidade factual não pode prescindir de recursos narrativos, ditos *ficcionais*. O autor analisa as indagações do tipo “e se...”, que permeiam o texto de Plutarco, indicativas de uma preocupação contrafactual (também presente em textos historiográficos) Para Almagor,

Plutarco se utiliza dessa flexibilidade do gênero biográfico para pintar em cores vivas seu problema ético de fundo, valendo-se das divergências entre as fontes de que dispõe para aprofundar o efeito das narrativas paralelas.

Num artigo sobre a *Vida de Demonax*, de Luciano, Mark Beck retorna ao problema da autenticidade, mas sob uma ótica distinta. Para Beck, a questão é fundamental, posto que não há consenso entre os estudiosos sobre a historicidade do biografado. O fato de, neste caso, sua obra não ter sido mencionada por autores contemporâneos, e a possibilidade de que sua relação com Luciano seja inteiramente ficcional são elementos que, segundo Beck, interferem na análise dos procedimentos literários empregados na *Vida*. O autor prefere aliar-se àqueles que enxergam na existência de uma coleção de sentenças atribuídas a Demonax, completamente independente do trabalho de Luciano, uma evidência razoável a favor de sua historicidade. Com isso, Beck passa a analisar a construção da *Vida* de Demonax, comparando sua estrutura bipartida (uma parte cronológica seguida por uma parte dividida em tópicos temáticos) ao *Agésilau* de Xenofonte, modelo ideal para Luciano por seu teor igualmente encomiástico e devido à proximidade entre o autor e o biografado. Para tratar dessa complexidade estrutural, Beck recorre à teoria de Christopher Gill sobre a *caracterização* nas biografias antigas, distinguindo o que chama de traços de caráter (enquadramento do sujeito num plano ético, estudo dos vícios e virtudes a partir de seus feitos) dos traços de personalidade (traços empáticos, peculiares, individualizantes). Beck entende que Luciano constrói a *Vida de Demonax* de forma a caracterizá-lo tanto em termos de caráter quanto de personalidade, e a bipartição permite um ‘refinamento gradual’<sup>6</sup> desse retrato. Se, na primeira parte, Luciano nos apresenta um filósofo exemplar, muito próximo do paradigma socrático, a coleção de sentenças que se segue rompe com essa expectativa, revelando uma faceta cáustica e virulenta, efeito que, segundo Beck, Luciano emprega deliberadamente para agregar complexidade à figura de Demonax.

Em *The Apologia as a mise-en-abyme in Philostratus’ Life of Apollonius of Tyana*, Patrick Robiano se debruça sobre o longo discurso conhecido como *Apologia*, contido no livro VIII da *Vida de Apolônio de Tiana*, de Filóstrato, buscando compreender sua função e significação estrutural dentro da obra. Robiano argumenta que a *Apologia* é um espelho e uma chave de leitura para a *Vida*, cumprindo a função de recapitular os fatos mais relevantes do livro, e deve ser lida como uma “invenção que enreda as vozes do autor, do narrador e do personagem Apolônio”<sup>7</sup>, num refinado jogo ficcional de Filóstrato. Robiano trata também das relações deste texto com a *Apologia de Sócrates*, e da construção da personagem de Apolônio por meio de citações épicas e trágicas e das analogias com deuses e heróis.

Em *The emended monk*, Christa Gray discorre sobre o problema da tradução para o grego da *Vita Malchi*, de São Jerônimo, uma das primeiras *Vidas* cristãs escritas em latim. Este texto, que na tradução grega é chamado de διήγησις (“narração”), tem uma classificação problemática concernente ao lugar da hagiografia, que margeia os domínios da

<sup>6</sup> Termo cunhado por Christopher Pelling (2002).

<sup>7</sup> No original, em inglês: “an invention which threads together the voices of the author, the narrator, and the character Apollonius”.

biografia e da novela antiga. Gray procura demonstrar como a tradução do texto para o grego, de caráter moralizante, que omite passagens ambíguas, insere repetições e força o leitor a uma interpretação dogmática, afasta a *Vida* da sensualidade novelesca com que dialogava em seus temas e estrutura na versão latina, conformando-a à autoridade eclesiástica e a um novo regime de verdade, e tornando-a portanto mais apta à apropriação.

No último capítulo dedicado às biografias individuais, Danny Praet trata de outro texto hagiográfico, a *Vita Martini* de Sulpicius Severus, que conta a história de Martinho de Tours e que parece ter sido alvo de ceticismo desde os tempos de sua publicação (século IV d.C.). Uma das razões para tal são as reiteradas afirmações em favor da historicidade do relato feitas pelo autor ao longo do texto. Neste artigo, Praet, eximindo-se de julgamentos a esse respeito, discorre sobre a cena em que Martinho divide seu manto para dá-lo a um homem pobre (cena emblemática em que o protagonista é representado em contraponto à figura de Cristo), buscando concluir se o episódio é inteiramente fictício ou se a versão de Severus baseia-se em alguma tradição precedente. Para tanto, o autor aprofunda questões pertinentes à hagiografia, como o traço *prescritivo* de seus exemplos morais e o procedimento da *imitação* ou *emulação* de Cristo.

No nono capítulo, que dá início à terceira parte do livro, dedicada às biografias coletivas, Maarten de Pourcq e Geert Roskam levam a cabo uma valiosa exposição sobre o método de Plutarco a partir do exemplo das *Vidas* de Ágis, Cleômenes, Tibério e Caio Graco (único par de *Vidas* da coleção em que dois romanos são comparados a dois gregos). Este exemplo é de particular interesse, segundo os autores, pois “problematiza diversas questões morais de suma importância sem, no entanto, fornecer respostas claras e apodíticas.”<sup>8</sup> Os autores partem de dois princípios: o ἦθος como eixo estruturante na composição das *Vidas* de Plutarco e o princípio formal da σύγκρισις (“comparação”), para investigar em que medida esses princípios (o “programa” de Plutarco) influenciam a construção formal do texto, bem como o regime de verdade que instauram. Em seguida, aplicam o modelo actancial de Greimas (derivado do modelo de Vladimir Propp) para aprofundar a leitura dos textos em questão, situando-os em um *continuum* narrativo, o que reacende a discussão sobre a ficcionalidade das *Vidas* e o antagonismo entre biografia e história (conforme as discussões acerca de *Alexandre* 1, 2, em especial a leitura de Christopher Pelling).

Em *Dying Philosophers in ancient biography*, Eleni Kechagia examina as anedotas relativas à morte de Zenão de Cítio, o estoico, e Epicuro (representantes máximos das duas escolas filosóficas de maior expressão no período Helenístico) na obra de Diógenes Laércio. A autora recorda a importância dessas anedotas, cujo modelo seria o *Fédon* de Platão, para a biografia antiga, e de seu valor muitas vezes alegórico nas *Vidas* de filósofos e poetas. A investigação baseia-se na hipótese de que essas narrativas, tomadas como “produtos de uma sofisticada invenção literária”<sup>9</sup>, oferecem uma intrincada interpretação das doutrinas desses

<sup>8</sup> No original, em inglês: “problematizes several important moral issues without, moreover, providing clear and apodictic answers.”

<sup>9</sup> No original, em inglês: “product of sophisticated literary invention”.

filósofos (produzindo, portanto, uma “verdade filosófica” a seu respeito), e autora é muito bem-sucedida ao conectar elementos aparentemente insignificantes ao jargão e às ideias atribuídas a cada autor. As cenas de morte são também o tema central do próximo artigo, *Never say die!*, em que Rhiannon Ash analisa a tensão entre historicidade, verossimilhança e ficcionalidade das cenas de assassinato dos imperadores em Suetônio. A conclusão de Ash aproxima-o de Kechagia, ao reconhecer o “valor didático” (diríamos, talvez, o “efeito” didático, para buscar uma aproximação com a teoria da recepção) da ficção na biografia antiga. Ash, como Kechagia, pergunta pelos princípios morais que norteiam a construção dessas narrativas. No caso de Suetônio, para citar o Tibério de Tácito, “*principes mortales, rem publicam aeternam esse*” (*Ann.* 3.6.3).

Em *Poetry and fiction in Suetonius’ Illustrious Men*, Tristan Power se propõe a analisar o uso de evidências literárias (especialmente de textos problemáticos, como a sátira, e a inferência de dados autobiográficos a partir deles) na construção das Vidas de Horácio e Valério Cato por Suetônio, comparando, portanto, o método empregado nas Vidas supérstites de poetas e gramáticos, compiladas em seu *Homens Ilustres*, às célebres *Vidas dos Césares*, bem como o papel da poesia em ambos os casos. O texto oferece subsídios para aprofundar uma leitura das categorias de Friedrich Leo, que opunha os métodos de Plutarco e Suetônio.

No artigo que encerra a terceira parte do livro, Diederik Burgersdijk dedica-se a compreender a construção da ficcionalidade no texto conhecido como *Historia Augusta*. Partindo do princípio de que o trabalho é obra da pena de um único autor, e que data da última década do século IV d.C. (conforme as conclusões apresentadas por Hermann Dessau em 1889), Burgersdijk analisa os “elementos paratextuais”<sup>10</sup> (títulos, prefácios, epílogos, referências extratextuais etc.) presentes na *Historia Augusta*. Seu objetivo é compreender por que o autor dessa obra “falsifica” a sua autoria, apresentando-a como um trabalho de seis autores diferentes, e como a função-narrador o ajuda nessa empreitada. Burgersdijk defende a posição de que o caráter explícito dessa construção, percebida pelo leitor antigo, é perfeitamente coerente com as preocupações literárias da antiguidade tardia.

Dando início à quarta e última seção do volume, dedicada à epistolografia e à novela antiga (que compartilham diversos procedimentos textuais com a biografia antiga “propriamente dita”), John Paul Christy trata do conjunto das cartas atribuídas a Quíron de Heracleia, aluno da Academia de Platão que, no século IV a.C., teria liderado um grupo de aristocratas que se insurgiram contra Clearco, tirano de Heracleia, assassinando-o (o fato é mencionado por Isócrates, Diodoro Sículo, Eliano, entre outros). As cartas, datadas muito provavelmente do segundo século de nossa era, abundam em referências às epístolas platônicas e ao problema da educação. A análise de Christy, centrada na carta 3 (na qual é descrito o encontro entre Quíron e Xenofonte, na cidade de Bizâncio), busca desvendar o programa de exemplaridade contido nas cartas (relacionado à função social da filosofia) e

<sup>10</sup> Termo cunhado por Genette em seu livro *Palimpsestos*, de 1982.

colocá-las em perspectiva com outros modelos literários que tratam do tiranicídio, em especial, as *Vidas de Dion e Brutus*, de Plutarco.

O artigo seguinte, de Ranja Knöbl, trata da função narrativa dos dispositivos temporais nas cartas pseudo-hipocráticas do *Corpus Hippocraticum*, que, segundo a autora, “ilustram com clareza algumas das técnicas antigas da narrativa biográfica”<sup>11</sup>. A autora demonstra como a economia do tempo (metáfora do ideal estilístico de concisão) é tematizada ao longo das cartas (o *tópos* da urgência, o atraso no recebimento da correspondência e na chegada de Hipócrates a Abdera), contribuindo com o prazer da leitura e borrando as fronteiras entre historicidade e ficcionalidade. A autora tem em vista a representação biográfica de Hipócrates e Demócrito (e dos abderitas) nesse conjunto de textos, entendido como “uma narrativa biográfica construída através de cartas”<sup>12</sup>.

Por fim, no último artigo do livro, intitulado *A shaggy thigh story*, Luke Pitcher versa sobre a versão de Heliodoro para o nascimento de Homero, narrada na novela *As Etiópicas*, segundo a qual o poeta seria um semideus egípcio filho de Hermes, guardando uma mancha na coxa como prova de sua ascendência. A história aparece numa digressão dentro da narrativa, que se desenvolve ao redor das personagens de Teágenes e Caricleia. Pitcher chama a atenção para a certeza com que a história é apresentada por Kalasiris (que oferece como evidência um verso de Homero, procedimento característico do método dos biógrafos helenísticos), comparando-a à multiplicidade de versões presente nas *Vitae Homeri* (basta recordar a disputa entre as sete cidades que reclamavam seu nascimento). O autor estabelece uma comparação entre essas versões, além de pensar a função dessa narrativa dentro da obra como um todo, perpassando a problemática da novela antiga e analisando o modo crítico como Heliodoro apropria-se do discurso biográfico, submetendo seus procedimentos ao crivo do leitor.

Observada a vasta quantidade de tópicos que abrangem os textos recolhidos neste volume, pode-se afirmar que o conjunto oferece uma visão teórica bastante sólida, que cada artigo retoma e apresenta à sua maneira. O modo como as biografias antigas movem-se na fronteira entre historicidade e ficcionalidade é, sem dúvidas, a preocupação central desses pesquisadores, que anunciam uma virada narratológica no estudo das *Vidas*. Ainda que restem por delimitar algumas fronteiras conceituais (um panorama histórico do conceito de “ficção” na filosofia e nos estudos literários seria muito bem-vindo e convocaria uma abordagem multidisciplinar bastante enriquecedora), o volume certamente é bem sucedido em “ilustrar a complexidade e versatilidade da ficcionalização na narrativa biográfica antiga”<sup>13</sup>, e poderá interessar a pesquisadores, estudantes e professores das áreas de Letras Clássicas, História e Filosofia.

<sup>11</sup> No original, em inglês: “neatly illustrate some ancient techniques of biographical narrative”.

<sup>12</sup> No original, em inglês: “a biographical narrative built up through letters”.

<sup>13</sup> No original, em inglês: “illustrate the complexity and versatility of fictionalization in ancient biographical narrative”.

## Referências bibliográficas:

- COHN, D. *The Distinction of Fiction*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1999.
- DUARTE, A. S. *Vidas de Esopo. O Romance de Esopo em traduções e ensaios*. São Paulo: Humanitas, 2018.
- GILL, C. 'The Character-Personality Distinction'. In: PELLING, C. (Ed.). *Characterization and Individuality in Greek Literature*. Oxford: Clarendon Press, 1990.
- GRAZIOSI, B. 'Horace, Suetonius and the Lives of the Greek Poets'. In: HOUGHTON, L. B. T.; WYKE, M. (Ed.). *Perceptions of Horace: A Roman Poet and his Readers*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.
- GREIMAS, A. J. *Sémantique structurale. Recherche de méthode*. Paris: Larousse, 1966.
- HÄGG, T. *The Art of Biography in Antiquity*. Cambridge: Cambridge University Press, 2012.
- PELLING, C. B. R. 'Childhood and Personality in Greek Biography'. In: *Plutarch and History. Eighteen Studies*. Londres: Duckworth, 2002.
- WERNER, C. "Vida Herodoteana de Homero": apresentação e tradução.' *Classica: Revista Brasileira de Estudos Clássicos*, v. 27, 2 (2014), pp. 271-92.

